

# Versões de um retorno de São Paulo à Quixadá: Conflitos, Conquistas e Mudanças (1973- 2001).

Vilarin Barbosa Barros<sup>1</sup>

## RESUMO

*Temos como objeto de estudo as representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo. Partiremos da análise de entrevistas realizadas com um grupo de homens e mulheres que, entre os anos de 1973 a 2001, emigraram para a capital bandeirante e depois retornaram à Quixadá. Vale salientar que os migrantes, em vários momentos das entrevistas nos falaram que São Paulo é um bom lugar, aliás, onde conseguiram emprego e se adaptaram. Então, mediante as informações, indagamos: por que retornaram de São Paulo e passaram a morar novamente em Quixadá? Ao utilizarmos a História Cultural como perspectiva, visamos acessar redutos de sensibilidades através da análise de nosso objeto quando rastreamos a realidade e procuramos decifrá-la através das representações.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Migração, Representação, História Cultural.

## ABSTRACT

We have as an object of study the representations of the daily migrants quixadaenses on St. Paul. We leave the analysis of interviews with a group of men and women, between the years 1973 to 2001, emigrated to the capital and then returned to the Scout Quixadá. It is worth noting that migrants, at various times of the interviews told us that St. Paul is a good place indeed, where they got jobs and have adapted. Then, through the information, *we ask*: why have returned from Sao Paulo and started to live again in Quixadá? By using history as a cultural perspective, we aim to access pockets of sensitivities by analyzing our object when we track the reality and try to decipher it through the representations.

**KEYWORDS:** *Migration, Representation, Cultural History.*



## 1. Preliminares

Temos como objeto de estudo as representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo. Partiremos da análise de entrevistas realizadas com um grupo de homens e mulheres (um total de doze pessoas) que, entre os anos de 1973 a 2001, emigraram para a capital bandeirante e depois retornaram à Quixadá.

A média de idade dos quixadaenses referente ao período em que as entrevistas nos foram concedidas é de 44 anos, sendo que dentre eles temos: o Sr. Nazareno Firmino e o Sr. Gilberto Teixeira com 34 anos e, Margor-Marly<sup>2</sup> com 58 anos. Viveram em São Paulo por volta de onze anos. Obviamente, temos o Sr. Nazareno que morou apenas três anos, o Sr. Américo Soares e Sr. Pedro Dehon que viveram na capital paulista, respectivamente, quinze e dezoito anos. Temos ainda sujeitos que estiveram em São Paulo por sete, nove, dez, treze e quatorze anos. O que eles têm em comum é que todos emigraram para São Paulo e retornaram à terra natal, e ainda, que no período de emigração tinham um grau de escolaridade de Ensino fundamental, exceto o Sr. Cláudio Laurentino com Ensino Médio. Diríamos também que todos são filhos de agricultores e que, quando os entrevistamos já tinham retornado há pelo menos quatro anos depois de terem passado, no mínimo, três anos em São Paulo.

Nosso recorte temporal corresponde a um período em que, entre as pessoas que entrevis-

<sup>1</sup> \* Mestre em História pela UECE. E-mail: [vilarinbarros@yahoo.com.br](mailto:vilarinbarros@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Nome fictício retirado de uma correspondência de 1974 que foi destinada a sua pessoa. Acordamos com a entrevistada um pseudônimo visando preservar sua identidade.

tamos, foi registrada a primeira emigração, cuja protagonista foi a D. Valquíria de Holanda, e o último retorno de São Paulo, feito pelo Sr. Gilberto Nunes. Tendo por base a referida delimitação é que podemos pensar nosso objeto; até porque é sobre as experiências desse tempo de idas e vindas, que se torna possível (re) elaborar representações dos sujeitos, que nos contam suas histórias enquanto migrantes, ou seja, que partiram e retornaram à terra natal. Dito de outra forma, só podemos analisar o nosso objeto de estudo se considerarmos um tempo em que os entrevistados se tornaram migrantes. São as memórias e representações sobre esse período que estamos, primordialmente, a refletir.

Recorremos à memória, ou seja, a esse cabedal infinito do qual só registramos um fragmento (BOSI, 1994:39) como sendo ela, expressão de experiências coletivas vivenciadas pelos indivíduos. Nesse sentido, pensamos em uma memória social (FENTRESS; WICKHAM, s.d: 41) que, obviamente, está imbricada de relações históricas. Aliás, segundo Mônica Velloso: entre a memória e a história é possível um espaço. Espaço poroso habitado pela poética de um tempo construído e vivido individualmente, mas revelado na tessitura do social. Essa tessitura que me interessa tocar (VELLOSO, 2009:01-02).

Como perspectiva em nosso trabalho utilizamos a História Cultural (SALES, 2006) que, como sabemos visa, em termos gerais, traduzir realidades de outrora por meio de representações, visando chegar àquelas formas discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo (PESAVENTO, 2003:42.). E, as representações se apresentam como uma maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana (SÊGA, 2000:128-129), uma forma de conhecimento elaborada, desenvolvida e expressada conforme os modos de momentos vividos por indivíduos e grupos que desejam fixar suas posições em relação a situações, eventos, objetos e comunicações que lhes concernem (SÊGA, 2000:129). Dessa forma, ao refletirmos sobre o nosso objeto de trabalho, entendemos que,

A representação é sempre a atribuição da posição que as pessoas ocupam na sociedade, toda representação social é representação de alguma coisa ou de alguém. Ela não é cópia do real, nem cópia do ideal, nem a parte subjetiva do objeto; nem a parte objetiva do sujeito, ela é o processo pelo qual se estabelece a relação entre o mundo e as coisas (SÊGA, 2000:129).

Dito isso, rastreamos a realidade e procuramos decifrá-la através das representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo. E estas nos chegaram e foram apresentadas, em grande medida, como já salientamos, através de memórias construídas sobre o passado, mas, que constantemente estão sendo atualizadas e renovadas no tempo presente (DELGADO, 2006:9).

Quando atentamos para as entrevistas, percebemos que os quixadaenses se remetem em grande medida às suas vivências de um período em que estiveram em São Paulo. Falam de prazeres e medos, de trabalhos, sensações, projetos de vida, adaptações, de diferenças, identificações e, fundamentalmente, representam um passado acontecido fora da terra natal, sendo que no momento das entrevistas já viviam em Quixadá há pelo menos quatro anos.

Ao nos depararmos com os relatos de memórias dos migrantes, em vários momentos eles nos falam que São Paulo é um bom lugar, além do mais, foi onde conseguiram emprego e se adaptaram, afirmam. Então, mediante as informações, indagamos: por que retornaram de São Paulo e passaram a morar novamente em Quixadá? Como, comumente, os entrevistados nos falaram de seu passado? Começamos por um fragmento de memória para pensar um pretérito e as motivações de um retorno à terra natal...

## 2. Representações sobre o passado

Eles não confiam no nordestino. A gente sempre lá tem uma discriminação por parte deles.

O trecho supracitado foi ressaltado pelo Sr. Américo Soares, quando nos falou, em março de 2005, de sua adaptação em uma grande cidade acontecida, conforme o entrevistado, na segunda metade dos anos 1970 na capital bandeirante. Ele relatou que percebia uma discriminação por parte dos cariocas e paulistas, ao recordar os primeiros contatos que teve nos espaços de trabalho. O entrevistado nos disse que isso se deu devido as suas origens, ainda segundo ele, existia uma distinção conforme o Estado pertencente: eles chamam a gente de paraibano, quer seja ou não seja chamam a gente de paraibano. Aí você... aquela pessoa já é discriminada, porque ele não é daquela área deles, não é do Estado.

Longe de se apresentar enquanto uma mera vítima, o Sr. Américo Soares contou que facilmente conseguiu ampliar seu círculo de amizade, até porque em São Paulo tinham muitos nordestinos e, quanto aos que não eram do Nordeste, o entrevistado afirma que os conquistava numa conversa muito fácil; eu não tive problema de se adaptar com eles, foi muito fácil de me adaptar.

Sua adaptação incluía mudar a sua maneira de falar, pois segundo ainda nos conta, rapidamente aprendeu até o sotaque deles, que é pra eles não chamar a gente de baiano. Eles tiram um maior barato quando a gente está conversando errado. Mas, o Sr. Américo Soares salientou que, seu sotaque, a maneira como se expressava: realmente não era errado, o nordestino não fala errado, ele fala a cultura dele, é o linguajar dele que é aquilo lá mesmo.

O Sr. Cláudio Laurentino, que emigrou de Quixadá em 1987, fez também uma relação entre adaptar-se em São Paulo e mudar sua maneira de falar. Segundo o entrevistado: teve o dia deu pronunciar o meu sotaque, eles já têm o sotaque diferente, e isso eles pegavam um pouco no pé. Então, percebendo o tipo de relação que estava vivenciando, sentindo-se fora de casa, declara que convivia com aquilo que é um jeito deles, todos esses dialetos de lá eles usavam: então!; oh meu!; entendeu? E dessa forma, para evitar ser discriminado, semelhante aos ditos do Sr. Américo Soares, mudava sua maneira de falar.

Quando recorremos a uma única carta que encontramos do Sr. Américo Soares quando ele morava na capital paulista, pensando ainda na questão que envolve sua adaptação nessa grande cidade relacionada à sua maneira de falar, nos deparamos com um escrito datado do dia doze de outubro do ano 1979; o remetente estava morando em São Paulo a pouco menos de dois anos. Sobre a missiva: um pouco mais de uma página escrita à caneta, destinada a sua irmã Iolanda que morava em Quixadá; se fosse para pensarmos a carta em quantidade, daria menos de vinte linhas digitadas em formato padrão. Todavia, não é isso, exatamente, que nos chama atenção, mas, algumas expressões que se repetem na correspondência: Sim mana; se mana; an mana; Inesquecível mana. Até então, compreendemos sem maior estranhamento, ainda porque ele estava escrevendo para sua irmã. Contudo, é verdade também que na sucinta carta de 1979, teve espaço outra expressão que se repetiu por quatro vezes: o que é que é isto meu; em meu; an meu; ou meu.

De fato, em menos de dois anos de morada em São Paulo, o Sr. Américo Soares já tinha incorporado ao seu linguajar, expressões que facilitariam sua comunicação naquela cidade. Ele viveria lá, ainda por mais treze anos, e passaria a ser conhecido também, popularmente, depois que retornou à sua terra natal em 1992, por o meu, palavra tão recorrente na carta do dia doze de

outubro do ano 1979, e que ele incorporou de forma significativa a sua maneira de falar, sendo bastante recorrida em seu dia-a-dia; inclusive, depois de mais de uma década que voltou a morar no distrito de Custódio, pertencente a Quixadá.

Quanto ao Sr. Cláudio Laurentino, ele nos contou também que se sentiu discriminado em São Paulo, e emite sua opinião: eu acho que eles não procuram muito, às vezes, se aproximar chegou a sentir que evitavam aproximações e quando alguém te percebia ficava logo desconfiado, mudava de rumo e ficava preocupado, obviamente, se não o conhecesse; ressalta o Sr. Cláudio Laurentino. Todavia, nos diz que alguns amigos de outros estados costumavam fazer piadas com suas origens, tiravam um sarro, e ele, lógico, no momento ficava querendo se irritar e dá um troco, mas depois acabava relevando as brincadeiras. Contudo, destaca: mas, se você chegar lá só, eles não dão muito atenção aos nordestinos, eu sei que isso é com todos, né? Mas, aos nordestinos, principalmente, dá pra sentir.

Segundo o Sr. Cláudio Laurentino ainda nos conta, no próprio trabalho:

Mesmo por telefone, quando eu tava no meu trabalho, que eu ia tentar anunciar, aí quando eu falava uma coisa diferente, eles diziam: pô, tu é cearense, tu é nordestino, tu é nortista; já existia aquela brincadeira, ou uma discriminaçãozinha que, lógico a gente relevando, mas, incomodava. Agora, nós já estamos com dez anos que passou e eu sei que tudo vai mudando...

Todavia, isso incomodou nosso entrevistado, ele sentiu-se destrutado, eles não dão muito atenção, na época que eu tava lá, certo?, destaca o entrevistado. Eram os anos de 1987 a 1994<sup>3</sup>; uma época que perpassa o mandato de Luiza Erundina, paraibana, que foi eleita em 1988 e assumiu a prefeitura de São Paulo nos anos de 1989 a 1993. Um período em que manifestações contra nordestinos se acirraram, não só contra a prefeita, chegando a ser noticiadas em um artigo que tratava dessas tensões sociais, reportado por Mário Simas Filho no jornal Folha da Tarde, em sete de abril do ano 1989, cujo título era: Movimento quer fechar a cidade para nordestinos (Apud ESTRELA, 2003:187).

Nesse mesmo ano, uma senhora entrevistada por Teresa Caldeira ressalta que: eles deveriam receber mais apoio do governo. Eles empestaram tudo, deveria voltar tudo pra lá. O governo deveria dar casas pra eles lá no nordeste pra eles não precisarem vir pra cá...(CALDEIRA, 2000:29). Ela ainda ratifica:

Os moradores da Moóca estão tristes por causa da falta de segurança. Não é só a Moóca, é São Paulo toda. (...) [E quanto ao que deveria ser feito...] Teria solução. Teria de partir do governo. O governo deveria dá assistência pra pobreza. O bairro tornou-se feio com os cortiços. E pobre é pobre... O governo devia fechar a exportação, terminar essa vinda de pessoal do norte (CALDEIRA, 2000:30-31).

<sup>3</sup> Entre estes anos é possível localizar também, em algum momento em São Paulo, os seguintes quixadaenses: Sr. Américo Soares, D. Alderiza Silva, Sr. Antônio Teixeira, Sr. Gilberto Teixeira, Sr. Gilberto Nunes, D. Eliana Lima e o Sr. Pedro Dehon; ou seja, oito das doze pessoas que entrevistamos.

O Sr. Cláudio Laurentino ao se remeter ao período em que viveu em São Paulo, não por acaso, fala da discriminação que sofreu e, de fato, não podemos estar desatentos aos indícios supracitados e aos relatos de memórias, sequer, deixar de enxergar o quanto fora relevante um artigo publicado no jornal O Estado de S. Paulo, em cinco de abril do ano 1989, época em que oito das doze pessoas que entrevistamos de Quixadá estavam em São Paulo, cujo título era: Nordestinos criticam preconceito (Apud ESTRELA, 2003:187), pois tudo isso, pode evidenciar um pouco do contexto vivido e sentido por esses migrantes quixadaenses.

Na entrevista que realizamos com o Sr. Gilberto Nunes, em setembro de 2005 em sua casa, localizada no município de Quixadá, ele fala um pouco de suas impressões sobre o passado, destacando inclusive, o que mais tinha achado de diferente em São Paulo: o mais diferente é você ter intimidade e acostumar a falar que nem eles. Segundo o Sr. Gilberto Nunes: uma pessoa que não fala que nem eles... eles são tudo... o paulista é tudo cheio de gíria, é: 'meu', 'então', é o clima deles lá. E nós fala que nem Cearense, nós fala baixo. Ao mesmo tempo em que parece trazer, por suas recordações, expressões de uma experiência coletiva, como a necessidade de mudar a maneira de falar para facilitar a comunicação com o paulista, ele menciona o que nos parece ser um sentido dado pelo entrevistado: a de que cearense falaria baixo.

O Sr. Gilberto Nunes ainda reforça, em meio a constituições de identificações e diferenças realizadas através de sua memória, algumas generalizações, quando narra sobre suas escolhas por trabalho e diz: o cearense é um povo bom, trabalhador, num escolhe serviço, enquanto o paulista, segundo o entrevistado: escolhe, só quer servicinho maneiro, e nós num escolhia, trabalhava até no pesado se fosse preciso.

As falas que tendem a homogeneizar grupos e as maneiras de ser de indivíduos, não acontecem apenas em relação aos quixadaenses, mas também por generalizações que se referem aos paulistas; afirmando-se que eles supostamente se postam de uma mesma maneira, ou mesmo, insinuando que não são tão afincos ao trabalho, pois, escolhem só servicinho maneiro; como disse nosso entrevistado.

Nosso entrevistado, sobre a relação que estabeleceu fora de sua terra natal, explica que antes das pessoas o conhecerem, sabendo apenas de onde emigrou, sentia que havia certo estranhamento e desconfiança para com ele e ao grupo que pertencia, mas pelo que deixa transparecer, esse sentimento não tinha sentido único, era recíproco, expresso em seus relatos quando nos fala de uma experiência pessoal da época em que ofertava seus serviços de vigilância particular<sup>4</sup> no fim dos anos 1990:

A coisa que eu nunca gostei foi aquela malandragem dele, nunca gostei! Porque é todo cheio de gíria, tirando o cara de tempo direto e só quer fazer o cara de otário. Até que uma vez eu não gostei e eu disse a ele, se você tivesse falado comigo que nem homem, chegado direito e falado, mas com gíria eu num dou um centavo a você. Ele foi embora, e num ficou gostando...

Até que passassem, como ele mesmo disse: a ter intimidade, a se conhecerem, pairava certo estranhamento. Porém, conforme ressalta o entrevistado: besteira; eles têm medo. Dizem que os cearenses são perversos, só isso que eles têm medo.

Dessa forma, o entrevistado representa a si como trabalhador, uma pessoa que fala baixo e entende por excessivo o medo em relação aos cearenses; supostamente perversos. E mais, ressalta que nunca gostou de gírias. O Sr. Gilberto Nunes relaciona as maneiras de falar usando gírias a

<sup>4</sup> Informação retirada de um cartão do Sr. Gilberto Nunes, doado para nossa pesquisa. Conforme o entrevistado, na época que esteve em São Paulo não desenvolveu trabalhos tendo sua Carteira de Trabalho e Previdência Social assinada. Documento a que não tivemos acesso.

ideia de malandragem como sinônimo de fazer o cara de otário, e isso ele afirma que nunca gostou, pois entendia que as pessoas deviam falar com ele que nem homem e não todo cheio de gíria; assim expressa sua opinião.

Semelhante ao Sr. Américo Soares e o Sr. Cláudio Laurentino, o Sr. Gilberto Nunes destaca que se sentia cobrado a uma mudança quanto a sua maneira de falar, e achava, de fato, diferente acostumar a falar que nem eles em São Paulo. Inclusive, teve provavelmente seu desconforto pessoal identificado quando recorda o que diziam sobre ele: esse aqui é cearense, porque é calado.

Já a D. Alderiza Silva, que viveu na capital bandeirante entre os anos de 1983-1996, expressa uma opinião diferente e bem mais familiarizada do que os ditos do Sr. Gilberto Nunes. Segundo a entrevistada, não encontrou nenhuma dificuldade em se adaptar, em mudar sua maneira de falar: pelo contrário, até em termo deu falar assim: pôr, colocar. Muita gente me dizia: engraçado menina, tu tá com pouco tempo e já se acostumou falar. Conforme ela ainda acrescenta sobre sua adaptação, diziam: a gente pensa que tu já faz muito tempo que mora em São Paulo.

O Sr. Gilberto Nunes, que viveu em São Paulo nos anos de 1987 a 2001, quando de forma repentina teve que voltar para sua terra natal, em sua narrativa transparece um desconforto em falar com um sotaque que não era de costume seu, mas isso parece ser flagrado não quando pontua que não se expressava que nem eles, sequer quando transparece que não usava gírias, mas principalmente, quando especifica que o cearense fala baixo. Essa expressão talvez represente o desconforto sentido pelo Sr. Gilberto Nunes, quando morava em São Paulo. Ou seja, de um indivíduo que não sentia tanta liberdade de falar, por isso se manteve calado em alguns momentos, em virtude, possivelmente, de ocasiões em que ele se expressou e foi inibido (constrangido talvez), tornando-se por um instante, motivo de piada; é bem provável que essas posturas, para usarmos uma expressão utilizada pelo Sr. Cláudio Laurentino, não tenham alimentado o seu ego.

Entre identificações e diferenças os entrevistados nos falam, em alguns momentos, que não tiveram problema em se acostumar, era somente, ao estilo do Sr. Américo Soares, Sr. Cláudio Laurentino e, inclusive, da D. Alderiza Silva, que mudaram o sotaque, a maneira de falar. Aliás, conforme D. Alderiza Silva disse, ela chegou a receber até elogios por ter conseguido rapidamente mudar, pois, passado pouco tempo na capital bandeirante, fora reconhecida: já se acostumou falar.

As recordações dos entrevistados, além de nos contarem versões de histórias individuais, nos trazem elementos de uma memória social sobre São Paulo, que incluem mudanças, conflitos e trabalho; também um mundo de conquistas: conhecimento, aprendizados e um pouco de dinheiro, como mais adiante nos dirá o Sr. Nazareno Firmino. Pelas recordações, são comparados grupos e experiências distintas, isso, partindo dos próprios entrevistados, que por extensão, nos falam de um passado-presente e, inclusive, do porquê retornaram. Então, que o Sr. Gilberto Nunes nos conte sua versão: foi porque as coisas tava ficando ruim e eu tava ficando desempregado. Em seguida, o entrevistado acrescenta dizendo que ganhava até bem, eu trabalhava nuns condomínios fazendo laje numas casas e eu tirava um bom salário.

Conforme nos chega de seu passado, o Sr. Gilberto Nunes não teve sua Carteira de Trabalho assinada, tirava um bom salário, como nos disse, mas trabalhando com a produção de material para a construção de lajes, e também, prestando serviços de vigilância particular<sup>5</sup>.

Depois que representa seu passado nos falando das dificuldades que estava enfrentando ao relatar que as coisas tava ficando ruim, perguntamos então, sobre suas expectativas ao retornar para o Ceará. Vejamos o que ele recorda:

5 Segundo Teresa Caldeira (2000), nas últimas duas décadas do século XX, período em que Sr. Gilberto Nunes esteve imigrante, eram bastante solicitados os serviços de prevenção contra assaltos em São Paulo.

Não, nessa viaje que eu voltei pra ficar, eu tive um problema lá, com um vagabundo. Andei dando umas lapadas [agredindo-o fisicamente], dando uns... quase me enrolo todo. Respondi aqui um bocado de intimação, umas dez, aí, eu fui tendo raiva de São Paulo. Eu gosto de São Paulo que eu me dei bem, graças a Deus, mas isso que estragou muito. Certo que era muito perigoso, mas em compensação eu ganhava bem, e por causa de um cara sem vergonha acaba a vida da gente. Você bota o cara pra trabalhar e depois ele num quer trabalhar, só exigir dinheiro. O cara chegou pedindo ajuda, dizendo que a mulher deixou ele, que a mulher fez isso, num quer ele e que ele num tem nada, chorando, o negócio é sério... Aí você pensa que tá botando uma pessoa boa, você tá botando um inimigo, foi o que aconteceu comigo, aí eu vim me embora.

De fato, não sabemos em que medida ele assumira as identidades que lhes eram possivelmente atribuídas, como por exemplo, a de que o nordestino é sangue quente<sup>6</sup>, sequer compreendemos as razões exatas de seu conflito em 2001, mas, entendemos que o entrevistado representa a si como um modelo de cearense de poucas palavras, discreto ao falar, de preferência baixo, e que não gostava de sujeitos que lhe abordavam pedindo dinheiro, principalmente, se usassem gírias, pois entendia que era malandragem, não era exemplo de homem.

É um pouco nesse contexto, em meio aos valores que o Sr. Gilberto Nunes representou, que parece se configurar a motivação de um retorno do entrevistado a terra natal. Assim, se disséssemos que o entrevistado retornou porque andou dando umas lapadas em um indivíduo em São Paulo, até seríamos objetivos, porém incoerentes, pois, deixaríamos de analisar toda uma subjetividade que, é bem provável, tenha gerado o desfeto do Sr. Gilberto Nunes que retornou no ano de 2001 para Quixadá.

Vale ainda ressaltar que, sobre o mesmo ano de 1987 em que emigrou o Sr. Gilberto Nunes, temos o Sr. Cláudio Laurentino, mas obviamente, os elementos recordados por ele, apesar de serem expressões de uma memória social, têm sua marca, o individual. Ele não teve que voltar para o Ceará de forma súbita, sequer as tensões vividas em São Paulo resultaram em intimação jurídica a sua pessoa, porém, mesmo assim, não podemos dizer que tenha passado ileso a julgamentos, tensões e conflitos...

O Sr. Cláudio Laurentino nos contou que emigrou, pois, surgiu uma oportunidade de trabalho e foi indicado por seu irmão que já morava em São Paulo em 1987, e mais, acrescenta que ainda em sua juventude, morando no distrito de Juatama, aflorou um desejo de conhecer outro Estado quando via através da televisão que, segundo o entrevistado: mostrava muito o Rio e São Paulo, era um sonho. Num sei se os jovens hoje continuam pensando assim, mas, no meu caso despertou aquele desejo: eu vou conhecer.

Do ano de 1981, encontramos um fragmento de entrevista realizada por Célia Sakurai, com uma moradora de São Paulo, do bairro Jardim Peri-Peri, onde é salientado o seguinte:

Eu acho que o pessoal do Nordeste, eles vivem numa condição, do norte e do nordeste... Ah, numa condição, assim, horrível de vida, horrível (...) Já essa maldita propaganda que eles fazem na televisão e levam pra lá, essa imagem vai pra eles: 'olha, pessoal que vai pra São Paulo fica rico'. Então, o que que eles fazem? Eles pegam toda família, vendem o pouco que eles tem lá, e vêm pra cá (Apud CALDEIRA, 2000:91).

Na verdade, no ano de 1987, o Sr. Cláudio Laurentino não precisou desfazer-se de seus bens para emigrar, nem mesmo foi acompanhado de toda sua família, conforme o trecho citado acima.

<sup>6</sup> Trecho extraído de uma das entrevistas que Teresa Caldeira (2000:86) realizou com grupos sociais diversos de São Paulo nos anos de 1980 e 1990. O período coincide com o tempo em que Sr. Gilberto Nunes morava em São Paulo.

Semelhante aos demais entrevistados, sua ida e vinda tem pelo menos uma característica em comum, pois, tanto em sua partida quanto em seu retorno teve familiares e uma estrutura que o dava suporte para que pudesse recomeçar sua vida.

Todavia, destacamos também, partindo da fala acima citada, que o ano de 1981 coincide exatamente com a época em que o jovem Cláudio Laurentino, com a idade de vinte anos, reforçava suas imagens sobre São Paulo através das propagandas que passavam na televisão; cujo conteúdo, segundo a entrevistada de Célia Sakurai, exaltava o poder de melhorias econômicas propiciado pelo estado da capital bandeirante. Não sabemos exatamente que representações eram divulgadas pela televisão, mas, pelo material que já utilizamos, como manuais, poesias, letra de música e as próprias memórias dos entrevistados, imaginamos que São Paulo era representado como o lugar do progresso, de prosperidade: que não para de crescer, e também do trabalho (MATOS, 1997).

Assim, com um desejo de conhecer outro Estado e uma oferta de emprego em 1987, o Sr. Cláudio Laurentino emigra e é admitido na empresa Concrebrás S/A – Engenharia de Concreto, no cargo de balanceiro, no dia dez de abril daquele ano. Ele moraria em São Paulo até 1994, e em novembro do referido ano, sairia da empresa que trabalhava à época: Araújo S/A de Engenharia e Construções, conforme registros de sua Carteira de Trabalho.

O Sr. Cláudio Laurentino, ao recordar o ano de 1987, o novo cenário que se configurava e uma nova fase da vida que se iniciava naquele ano quando emigrou de Quixadá, nos diz que para sobreviver em São Paulo, o trabalho é essencial.

Antes mesmo de continuarmos tecendo a história do Sr. Cláudio Laurentino, sabemos que a D. Valquíria de Holanda, quixadaense que viveu em São Paulo entre os anos de 1973-1983, gostaria de emitir uma opinião sobre a vida enquanto imigrante:

É muito difícil ganhar apenas um salário em São Paulo... Aí quer dizer, não dá pra cobrir as despesas não, porque você vai ter que pagar aluguel, mesmo que você consiga alguém pra morar junto, as famílias lá e amigos, num vão fazer igual aqui não: dá comida e dormida. Lá todo mundo tem que dividir as despesas e aqui o cabra tem mais moleza do que em São Paulo!

Depois de sabermos a opinião e aprendermos um pouco mais com D. Valquíria de Holanda, voltemos aos ditos do Sr. Cláudio Laurentino...

O entrevistado explica que com a experiência que acumulou fora de sua terra natal, ele mudou, pois, percebeu que estar trabalhando no final dos anos 1980 não era apenas uma necessidade, mas uma obrigação para ele viver em São Paulo. Pensamos que a obrigação adquirida pelo Sr. Cláudio Laurentino se devesse talvez porque, conforme nos explicou D. Valquíria de Holanda, lá todo mundo tem que dividir as despesas. Ou ainda, segundo o Sr. Cláudio Laurentino, porque em São Paulo o indivíduo que ficasse uns dias sem trabalhar, passaria a ser mal visto pela sociedade, que poderia entendê-lo como sendo um vagabundo, salienta o entrevistado.

Antes de citar um exemplo, o entrevistado ainda nos conta que a condição de desempregado despertava um sentimento de vergonha no indivíduo, que se sentia constrangido e poderia ser julgado de forma equivocada, como: oh, o cara veio parar aqui e quer é roubar, num quer trabalhar, quer malandrar, vai é roubar. Foi um pouco disso que a entrevistada de Teresa Caldeira, no ano de 1989, moradora da capital paulista, salientou, pois, segundo ela, pobre é pobre, quando não pode comprar as coisas que precisa, assalta (CALDEIRA, 2000:30-31).

Evitando sujeitar-se ao tipo de julgo supracitado, chegando ao final de 1994 e se aproximando das confraternizações das festas: natalina e de réveillon, ocasião em que muitos dos emigrantes

quixadaenses vão passar férias na terra natal, o Sr. Cláudio Laurentino volta para morar no distrito de Juatama, pertencente a Quixadá-Ce, assinando sua saída da empresa Araújo S/A de Engenharia e Construções, no dia três de novembro do ano 1994.

Quanto aos fatores que contribuíram para que ele retornasse, deixemos que ele mesmo fale: Rapaz teve vários fatores. Um deles é que eu tinha botado em mente que já tinha o conhecimento daqui do que é o São Paulo, certo? Não todo o Estado, mas, uma parte. E esse conhecimento, segundo o entrevistado explica, se deu depois de suas andanças desenvolvendo trabalhos de engenharia e construções, por grande parte do Estado de São Paulo, que o fez entender uma diversidade que outrora não lhe tinham apresentado. Adquiriu conhecimentos de agricultura, do povo, da discriminação, das coisas que eu pretendia conhecer, afirma o Sr. Cláudio Laurentino que continua: eu já tinha visto um bocado, aí eu botava muito em mente em voltar pra ficar próximo à família, entendeu?

Entendemos, obviamente, que voltar e ficar próximo da família era uma possibilidade percebida pelo Sr. Cláudio Laurentino, principalmente ao considerarmos que ele fez parte de uma época e de um grupo de migrantes que não era pioneiro, sequer partiu fugindo de um fenômeno natural que de qualquer forma o tenha desestruturado. Na verdade, os entrevistados constituintes do referido grupo, puderam partir, e mais, se basearam em modelos de migrações anteriores que os possibilitaram conhecerem São Paulo: trabalhar, acumular experiências de vida, mudar e, quem sabe, depois escolher, decidir voltar ou não à terra natal. Suas decisões (dos migrantes), diferentemente de determinadas, foram escolhas realizadas depois de um acúmulo de conhecimentos, de realidades distintas sentidas e vividas, de contextos que se constituíram. Assim, gerou-se um retorno deles à terra natal.

Ao continuar reeditando seu passado e a falando dos vários fatores que contribuíram para o seu retorno, o Sr. Cláudio Laurentino nos diz:

Então, foi quando surgiu essa oportunidade de sair do trabalho [em três de novembro do ano 1994]; que a empresa teve uma crise lá também, com a prefeitura que ela trabalhava em obras do Estado lá e disseram: 'a gente vai afastar vocês [os funcionários], mas, no próximo ano a gente volta vocês'. Aí eu digo: é qual período? 'É de tantos meses'. Eu pensei: então eu vou voltar, eu vou ficar mais um tempo lá na minha terra, pra ficar aqui sem trabalhar, por causa da discriminação, o trabalho em si, e perturbando na casa do meu irmão casado. Então, no meu caso tudo isso influenciou, certo? Eu vou voltar, vou cedo porque como eu não tinha casa própria em São Paulo, também me incentivou e eu digo: não, eu vou, eu vou pra casa.

O Sr. Cláudio Laurentino, que depois de viver em São Paulo no ano de 1993, uma inflação de 2.489,1%, retornou para Quixadá em 1994, quando a economia nacional registrava 929,3% de inflação (CALDEIRA, 2000:50). Além de recordar que à época já tinha saciado sua vontade de conhecer São Paulo, desejava voltar pra casa depois de morar por sete anos, desde 1987, fora de Quixadá, e mais, ficou desempregado ao sair da Araújo S/A de Engenharia e Construções, em novembro de 1994; então, no meu caso tudo isso influenciou, afirma o migrante.

Se no ano de 1994 o Sr. Cláudio Laurentino voltou a morar na terra natal salientando, inclusive, que tinha ficado desempregado, no mesmo ano o Sr. Nazareno Firmino estava emigrando para São Paulo e, segundo este relata, as motivações de sua partida se davam, exatamente porque desejava conseguir um emprego, algo que era mais fácil do que na capital cearense; ressaltou o Sr. Nazareno Firmino, que morou três anos na capital bandeirante.

Ora, estamos nos despedindo, mesmo que momentaneamente, de um indivíduo que emigrou em 1987, o Sr. Cláudio Laurentino, e nos encontrando com as narrativas de outro quixadaense que emigrou em direção à capital paulista em 1994, Sr. Nazareno Firmino. Todavia, ainda não chegou o momento de explorarmos as versões da história deste último, por enquanto, pensemos com Teresa Caldeira, um pouco das décadas que os dois entrevistados emigraram...

Teresa Caldeira nos ajuda a pensar os anos 1980 e 1990, um período em que os doze quixadaenses que entrevistamos moraram em São Paulo, sendo que desses: três apenas nos anos 1980 e um somente nos anos 1990. A pesquisadora que realizou nos anos 1980 e 1990, mas principalmente em 1989 e 1990, entrevistas com moradores de diferentes grupos sociais de São Paulo, estudou o que ela entendeu por falas do crime, discursos que representaram o aumento do medo e de um sentimento de insegurança quanto à criminalidade abrangente na grande cidade paulista (CALDEIRA, 2000). Mediante a sua pesquisa, ela constata através da análise das entrevistas, que há uma redução, por meio de estereótipos, da categoria 'nordestinos', caracterizados em muitos momentos, por termos depreciativos como ignorantes e preguiçosos (CALDEIRA, 2000:38).

Outro elemento constatado por Teresa Caldeira, é que gerações de paulistanos cresceram acreditando como sendo o destino de sua região metropolitana, uma espécie de locomotiva que conduziria ininterruptamente o país. Esta foi uma das mais fortes imagens da modernidade [que] moldou suas mentes e sua cidade (CALDEIRA, 2000:45). Porém, ela ainda salienta questões sobre duas décadas: os anos 1980, por exemplo, acabaram ficando marcados pelo que se entendeu como uma década que foi perdida, pois, em vez de crescimento houve uma recessão profunda (CALDEIRA, 2000:45), devido altas inflações associadas, inclusive, a um baixo desenvolvimento econômico acompanhado de empobrecimento da população. Com isso, suscitou-se no início dos anos 1990, segundo Teresa Caldeira, um sentimento de pessimismo e frustração expresso; como foi possível detectar nas falas de diversos moradores de São Paulo (CALDEIRA, 2000).

O que nos chama atenção, além das falas destes moradores, é que quando comparadas com os ditos dos quixadaenses, estes que se enquadraram não como preguiçosos, categoria utilizada por alguns entrevistados de Teresa Caldeira, mas como nordestinos, foram para São Paulo em busca de um futuro melhor, para mudar de vida talvez e, curiosamente 50% deles, emigraram justamente nos anos 1980, logo na década perdida; para usar uma expressão utilizada por Teresa Caldeira. Temos ainda, de peculiar, o Sr. Nazareno Firmino, que emigrou de Quixadá exatamente nos anos 1990, período em que pairava um pessimismo quanto ao futuro e desenvolvimento econômico na capital paulista.

Mediante comparações entre as informações, vale salientar também que de 1980 a 1990 foi registrado sobre a economia cearense uma média de crescimento anual, referente a toda sua produção, de 4,7%; enquanto o país crescia 1,6%. Esse percentual, no período de 1990 a 1999, se manteve para o Ceará que contabilizou na década de 1990 mais da metade da média de crescimento anual do país, conforme constata Laura Freire (2002:50). Inclusive, em 1996, precisamente, o Estado cearense chegou a crescer 6,9% enquanto a média nacional era de 2,9% (DE MARI, 1997).

Se os dados gerais que encontramos no trabalho de Laura Freire, sobre o crescimento econômico no Estado do Ceará de 4,7%, demonstram certo otimismo quanto à economia cearense nos anos 1990, uma matéria publicada na Revista Veja, do dia treze de agosto de 1997, especifica esse aquecimento na economia ressaltando que: só o Ceará recebeu 250 novas empresas (DE MARI, 1997) desde 1995, com um total de investimento de 2,7 bilhões de reais; ratifica a repórter Juliana De Mari.

Enquanto assimilamos os dados citados, deixemos o Sr. Nazareno Firmino falar sobre a ideia de ir a São Paulo nos anos 1990: é o seguinte: minha irmã foi primeiro, casou com um rapaz daqui mesmo que já morava lá, mandaram o dinheiro da passagem para que pudesse emigrar, então, o entrevistado concluiu: chego lá fui só trabalhar mesmo. Mais adiante, o entrevistado revela que não tinha nenhuma garantia formalizada em seu trabalho, pois, o que realizava era uma atividade ajudando um familiar, e sua Carteira de Trabalho e Previdência Social não tinha sido assinada: a gente só trabalhava avulso mesmo, afirma o Sr. Nazareno Firmino.

Ao ser indagado pelos motivos de uma não emigração para a capital cearense, e sim para São Paulo, em 1994, haja vista que em Fortaleza ele também tinha amigos radicados, disse: é porque onde era mais fácil emprego, em São Paulo. Apesar de ter três irmãos em Fortaleza, mas o desemprego é maior. É mais difícil emprego.

Sua carteira de trabalho emitida na cidade de Quixadá, no dia dezesseis de maio do ano 1994, antes dele emigrar, parece evidenciar a que condições de trabalho ele imaginava se submeter antes de partir de sua terra natal. Hoje, sabemos por meio de sua memória, que a capital paulista era o lugar do trabalho, diferentemente da capital cearense. Sua Carteira de Trabalho, emitida em 1994, só seria assinada objetivando o exercício do cargo de ajudante geral, tendo remuneração de um real e nove centavos por hora de serviço, no dia dois de maio do ano 1995, quase um ano depois de sua emissão<sup>7</sup>.

Quando refletimos sobre os dados referentes à média de crescimento econômico do Ceará nos anos 1990, comparamos com as falas dos entrevistados de Teresa Caldeira, – pessimistas quanto a esse desenvolvimento de São Paulo no mesmo período, e pensamos nos ditos do Sr. Nazareno Firmino, devemos confessar que não entendemos como ele gestou, antes mesmo de receber o dinheiro de familiares que pagaram sua passagem, a ideia de ir para São Paulo nos anos 1990, mas, pelo menos, diante dos dados estatísticos que utilizamos, podemos imaginar que se configurava um clima favorável economicamente, no Ceará, na década de 1990, e que bem poderia ter contribuído para a manutenção dos migrantes quixadaenses que retornaram da capital paulista nesse período; como é o caso, por exemplo, do Sr. Américo Soares em 1992, e o Sr. Cláudio Laurentino no ano de 1994.

Devemos ainda explicar que apesar de termos recorrido às estatísticas referentes à situação econômica do Ceará na década de 1990, não entendemos que aí esteja à razão de um retorno, pois, perante esses números, como explicaríamos a emigração do Sr. Nazareno Firmino no mesmo ano que o Sr. Cláudio Laurentino voltava de São Paulo, ou mesmo, dois anos depois que o Sr. Américo Soares retorna da capital paulista? Por outro lado, como desconsiderar uma recordação do Sr. Nazareno Firmino que atribui a São Paulo o lugar do labor?

Por ora, apenas imaginamos através das estatísticas, que o Estado do Ceará, possivelmente, viveu um clima de euforia em virtude de seu crescimento econômico nos anos 1990. Então, guardemos essa informação e voltemos à questão central deste escrito: por que nossos entrevistados retornaram de São Paulo e passaram a morar novamente em Quixadá?

Ora, que o Sr. Nazareno Firmino possa nos contar sua versão: o fator que eu vim embora foi o seguinte, eu sempre observo, assim, eu pretendia botar a minha coisa, ou seja, montar uma mercearia onde pudesse ter autonomia para negociar; o entrevistado continua: aí eu tinha uma mixaria, e tava dizendo para um amigo meu: se o homem da firma, o dono, tivesse me dado aumento eu aguentava, mas... tinha aguentado mais um pouco lá, né.

<sup>7</sup> Informações adquiridas da Carteira de Trabalho e Previdência Social do Sr. Nazareno Firmino.

Neste momento, apesar de caminhar para nos contar que voltou porque não houve o aumento salarial, ele é reticente a essa ideia, e afirma que mesmo ampliando o valor do seu salário teria morado mais um período na capital paulista. Os termos derivados do verbo aguentar, que se repetem por duas vezes no momento em que o Sr. Nazareno Firmino procura palavras para explicar as origens de seu retorno para o distrito de Juatama, pertencente a Quixadá, nos chama atenção na narrativa. Vejamos primeiramente seu significado, conforme Antônio Houaiss e Mauro de Sales: sustentar (carga, peso etc.); tolerar, suportar; manter a sobrevivência de; resistir (HOUAISS; VILAR, 2008:24); são sentidos que podem explicar a palavra: aguentar.

Se não fosse o Sr. Nazareno Firmino que tivesse falado, talvez não reluzisse tanto, mas logo ele que nos contou que a cidade grande assusta, amedronta, que sujeitou-se a perguntas que este-reotipavam sua terra natal, como: ah rapaz, lá falta água, passa fome?, e mais, que um ano depois foi se acostumando com a vida em São Paulo, pois era cansativa, segundo o entrevistado, uma cidade também perigosa: lá você sai e num sabe se volta vivo, diferentemente do que vive no presente, afirma, talvez não tivéssemos atentado para quando ele explica as origens de seu retorno trazendo termos que tem como sinônimo, provavelmente, o sentimento dele para com sua experiência em um passado numa grande cidade. Dito de outra maneira: ele tolerava, suportava o estilo de vida que levava, era algo que pesava, ou simplesmente, aguentava na capital paulista.

Mas, obviamente, que ele possa continuar sua explicação, pois o interrompemos aqui, logo quando ele se remetia, à possibilidade de que em 1997 ter permanecido sim, em São Paulo; lógico, se tivesse recebido um aumento salarial, destaca. Deste modo, deixemos que o entrevistado prossiga com sua recordação: eu tinha ficado mais um pouco, mas, o dono da firma num deu aumento e eu resolvi na hora que ele disse isso de ir embora. Pediu que a empresa visse os direitos que ele tinha por dois anos e dois meses de serviços prestados na Exotec Fluorpolímeros LTDA, e assim, conclui sua recordação: vim embora. Quando cheguei aqui, com a mixaria que eu cheguei comprei meu barraco. Então, teria na verdade sido essa a razão de seu retorno à Quixadá?

Antes mesmo de chegarmos a uma conclusão sobre a versão contada pelo Sr. Nazareno Firmino, vale entender que a memória é cingida em meio a uma relação de passado-presente, e constantemente, nesse processo acaba reconstruindo e transformando as experiências que estão sendo lembradas. As reminiscências, de fato, variam conforme as alterações que sofremos, com o que passamos a nos identificar no tempo presente. Nesse sentido, entendemos que o processo de recordar do entrevistado é uma forma de re-construir suas identidades no momento em que reedita sua história; no ato de narrar. Segundo Alistair Thomson, as versões lembradas, na verdade, não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais (THOMSON, 1997:57). Dessa forma, moldam-se identidades através de reminiscências.

O Sr. Nazareno Firmino, por exemplo, pelo que constamos na narrativa, reivindica uma identidade para si, de ser dono dos seus caminhos, que não tinha dúvidas no passado; ao pedir aumento salarial e receber uma resposta negativa do dono da empresa que trabalhava, resolveu, na hora que ele disse isso, de ir embora; precisa o entrevistado.

No dia primeiro de julho do ano 2010, fotografamos a Carteira de Trabalho do Sr. Nazareno Firmino, ou seja, quase quatro anos depois que nos concedeu a entrevista em Juatama, em outubro de 2006. Depois de analisarmos seus ditos na entrevista, recorreremos a sua Carteira de Trabalho e, imediatamente depois, retornamos a um momento de seus relatos que ele explica: se tivesse recebido aumento teria ficado em São Paulo, porém, por pouco tempo. E, de fato, é provável que ele tenha pedido aumento salarial no passado e isso, hoje, lhe sirva mesmo como um argumento

que fundamente o seu retorno, até porque, apesar dele não nos contar, na verdade, em pouco mais de dois anos de trabalho formalizado, ele recebeu um aumento sim, e ainda foi promovido em seu emprego; informação que ele não traz por sua memória que atualiza um passado representado por seus relatos do presente.

Mesmo não estando legível em sua Carteira de Trabalho a que função se deu a promoção, sabemos do acontecido que tem registro do dia primeiro de janeiro do ano 1997, e mais, que o valor da sua hora de serviço na empresa a partir dessa data, dobrou.

Mas, como ele mesmo traz em seus relatos, mesmo esquecendo talvez, no momento da entrevista em outubro de 2006, que recebeu um aumento salarial no dia primeiro de janeiro do ano 1997, nos informa que com o aumento de salário aguentaria mais um tempo em São Paulo. Pois bem, foi o que possivelmente aconteceu: depois de ter recebido uma promoção na empresa e ter o valor de sua hora de trabalho dobrada, ele ficou mais um pouco, seis meses apenas, e retornou para morar novamente em Quixadá, no segundo semestre de 1997.

Depois de nos explicar as motivações de um retorno, o Sr. Nazareno Firmino sintetiza dizendo: pedi aumento ele num quis dá, caí fora, vim embora, montei um pequeno barzinho, comecei a vender, estou aumentando aí... casei, quatro anos de casado e vou levando o barco, até onde dé.

Podemos traduzir sua fala ressaltando que o entrevistado passou a navegar noutras águas, para usar uma expressão suscitada na narrativa, quando diz que vai levando o barco, adquiriu também certa estabilidade financeira, casou: há quatro anos, e em 2010 tornou-se pai. Hoje, por sua entrevista, nos leva a imaginá-lo juntamente com sua família vivendo feliz em sua terra natal. Apesar da repentina imaginação, seria interessante atentarmos mais para o que ele nos fala de seu retorno à Quixadá, no segundo semestre de 1997, e assim, não pensarmos uma história apenas romantizada e de forma linear: emigrou, retornou, casou, etc., quando nos referirmos as versões dos migrantes quixadaenses. Então, que ele nos responda: que expectativa tinha ao retornar?

A expectativa é de voltar e conseguir emprego por aqui, e não querer mais voltar lá, afirma o entrevistado. Mas, de que forma o Sr. Nazareno Firmino representa suas expectativas do retorno à Quixadá no segundo semestre de 1997? Quais eram seus projetos? Deixemos que ele mesmo responda:

Não, meu projeto a gente fica pensando... você pensa tudo, aí chega pensa que tava uma coisa mais diferente, encontra a mesma coisa, rotina é a mesma, os amigos, é a mesma... é assim. Não tinha projeto nenhum, o projeto mesmo era só voltar pra cá, esse era projeto.

Na verdade, o Sr. Nazareno Firmino retorna sem ter um trabalho acertado no Ceará, o que parece mesmo é que ele tinha um projeto de voltar; recebeu o que tinha de direito pelos serviços prestados na Exotec Fluorpolímeros LTDA, em São Paulo, depois de seis meses que havia sido promovido nesta empresa, e ao chegar em Quixadá, não assinou mais sua Carteira de Trabalho. Não que tenha sido isso desnecessário, pois, quase dois anos depois, ele emigraria para a capital cearense e seria admitido na firma Mercadinho Danny, no dia primeiro de junho do ano 1999, onde trabalharia pouco mais de dez meses<sup>8</sup>, retornando para o distrito de Juatama, pertencente a Quixadá-Ce, onde vive atualmente.

Sobre as motivações de uma emigração do Sr. Nazareno Firmino para Fortaleza, obviamente, não temos como propósito discuti-las, mas, mediante o que constatamos através da memória do entrevistado, comparando com as informações encontradas em sua Carteira de Trabalho, possivelmente, o Sr. Nazareno Firmino, que nos disse não ter conquistado todos os seus objetivos ao

<sup>8</sup> Informações adquiridas da Carteira de Trabalho e Previdência Social do Sr. Nazareno Firmino.

emigrar para a capital paulista em 1994, estranhou e não naturalizou o estilo de vida que passou a ter em São Paulo. Isso possivelmente contribuiu para que voltasse a morar em Quixadá.

Aliás, segundo nos contou: numa cidade grande você tem medo; milhões de pessoas passando por você; ninguém lhe conhece; você faz de tudo pra num triscar em ninguém, impressões que parecem bem registradas na memória do Sr. Nazareno Firmino, que também faz nos remetermos à canção de Caetano Veloso, Sampa, quando este representa seus sentimentos, suas impressões diante da capital paulista: quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto<sup>9</sup>, sensação representada pelo nosso entrevistado ao recordar que ninguém o conhecia perante a multidão cidadina.

Se pensarmos as representações do Sr. Nazareno Firmino sobre São Paulo e ainda seguirmos os versos de Caetano Veloso, nos depararemos: e foste um difícil começo/ afastado o que não conheço/ e quem vende outro sonho feliz de cidade/ aprende depressa a chamar-te de realidade/ porque és o avesso do avesso do avesso do avesso<sup>10</sup>.

O Sr. Nazareno Firmino pensava em emigrar para São Paulo, não para trabalhar avulso, provavelmente, emitiu sua Carteira de Trabalho antes de partir rumando à capital paulista em 1994, um ano depois é que ela foi assinada, objetivava maiores conquistas, talvez amealhar alguns recursos, retornou com o intuito de recomeçar a vida em sua terra natal e, quando se refere à grande cidade, semelhante a canção citada, aprendeu a chamá-la de realidade, foste um difícil começo, transparece o entrevistado, e ainda falando com a competência de quem acumulou experiência com a vida, conclui: lá o mundo ensina, ou você aprende ou você vem embora rapidinho, porque ninguém dá a mão de graça para você. Aqui, consegui mais do que estando lá em São Paulo.

Se o Sr. Nazareno Firmino partiu em virtude de um trabalho, de uma oferta de emprego, desejando mudar de vida e por ter compreendido que a capital paulista era a melhor opção, e não Fortaleza, nos parece possível que ele retornou à terra natal, eminentemente, por questões que se localizam na ordem do subjetivo, que dizem respeito aos próprios sentimentos despertados nele vivendo em uma cidade grande.

Eis o que podemos trazer com análise das representações: um conjunto de elementos detectados nas entrevistas, valores, por exemplo, que nos possibilitam problematizar a noção de sujeito universal, unitário, isolável (MATOS, 2005:27), e mais, que emerge nos processos de diferenciação-identificação, como temos constado através de memórias. O estudo possibilita ainda analisar a construção do singular na existência de configurações assumidas, nos levando a detectar as apreensões que os sujeitos fazem de si e do mundo (MATOS, 2005:27). Dito de outra forma, ao analisarmos as recordações do Sr. Nazareno Firmino, comparando com outros indícios, até mesmo com as demais falas dos entrevistados, é possível constatar elementos que justificam um retorno para Quixadá e, na verdade, que escapam as estatísticas que não visualizam, por exemplo, as sensações e sentimentos expressos pelo entrevistado que desejou voltar à terra natal e recomeçar sua vida; agora, munido de uma experiência da migração.

Ainda sobre o entrevistado, de fato, ele não é utilizado por nós como um sujeito universal que representa por sua história as dos demais, o certo é que ele procura representar a si próprio, nos diz sobre suas posições e identidades, e, obviamente, no momento em que recorda, traz em sua memória marcas de desejos, de projetos de vida que podem ser expressões de uma experiência coletiva sentida e vivida, como a de falar sobre emigrar para a capital paulista relacionando-a a busca por um trabalho.

9 VELOSO, Caetano. Sampa. Intérprete: Caetano Veloso. In: MUITO dentro da estrela azulada. Álbum de estúdio. Lado B, faixa 2. Ano 1978. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Muito\\_-\\_Dentro\\_da\\_Estrela\\_Azulada](http://pt.wikipedia.org/wiki/Muito_-_Dentro_da_Estrela_Azulada)>. Acesso em: 20 maio 2011.

10 Idem.

O Sr. Nazareno Firmino voltou à Juatama, pequeno distrito pertencente ao município de Quixadá em 1997 e, pelo que nos chega, as motivações desse retorno são bastante subjetivas, cegas às estatísticas. Ele não foi o único que deixou transparecer uma versão marcada por valores, sensações e sentimentos.

Grosso modo, os entrevistados voltaram porque já tinham acumulado experiência com a migração, eu queria conhecer uma coisa diferente. Então o objetivo de ganhar dinheiro muito, não se consegue, mas eu consegui conhecer muita coisa, afirmou o Sr. Américo Soares; porque puderam escolher onde continuar vivendo, porque mudaram e moldaram suas opiniões, ou mesmo por não ter naturalizado o estilo de vida de uma grande metrópole, não tê-la mais aguentado. Tinham conhecido a capital bandeirante, amealhado recursos, sentido saudades, assim como, sentido-se diferentes; e regressaram depois de aprender a chamar São Paulo de realidade, não mais de um sonho a ser conquistado, futuro almejado.

Voltaram, inclusive, porque encontraram seus amores e casaram, sendo isso já o bastante para mostrar sua distinção em um retorno à terra natal, como foi comum nessa experiência de migração. Retornaram para constituírem uma nova rotina, idealizando às vezes, uma terra deixada de um passado partido com a emigração, quem sabe um encontro consigo ou, com uma mulher amada, jamais acontecido – semelhante a história contada pelo Sr. Pedro Dehon. Porque ainda abusaram as ideias e projetos que outrora fizeram sentido, não mais aventuras e desconhecidos, ansiaram por novos ares. As conquistas aconteceram, sujeitos foram mudados.

#### **Referências Bibliográficas:**

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CALDEIRA, Teresa do Rio. Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora 34 / Edusp, 2000.

DE MARI, Juliana. Rev. Veja. Especial. 13 ago. 1997. Disponível em: <[http://veja.abril.com.br/130897/p\\_096.html](http://veja.abril.com.br/130897/p_096.html)>. Acesso em: 26 abr. 2011.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral: memória, tempo e identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ESTRELA, Ely Souza. Os sampauleiros: cotidiano e representações. São Paulo, Humanitas/ FEL-CH/USP/ Fapesp/ Educ. 2003.

FENTRESS, James e WICKHAM, Chris. Memória Social: novas perspectivas sobre o passado. Lisboa, Editora Teorema, s.d.

FREIRE, Laura Lúcia Ramos. Perfil econômico do Ceará. Fortaleza: Banco do Nordeste. 2002.

HOUAISS, Antônio; VILAR, Mauro de Salles. Minidicionário Houaiss de Lexicografia e Banco de dados da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

MATOS, Maria Izilda Santos de. A cidade, a noite e o cronista. São Paulo e Adoniran Barbosa. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

\_\_\_\_. Âncora de emoções: corpos, subjetividades e sensibilidades. Bauru, São Paulo, Edusc, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SALES, Telma Bessa. Memórias e Experiências de canudenses na cidade de São Paulo - 1950-2000. 2006. 216 f. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2006.

SÊGA, Rafael Augustus. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge

Moscovici. Rev. Anos 90 Porto Alegre, n.13, julho de 2000.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a mem6ria: quest6es sobre a rela76o entre a Hist6ria Oral e as mem6rias. In: Projeto Hist6ria, S6o Paulo, n.15, abr. 1997.

VELLOSO, M6nica Pimenta. Sensibilidades sociais e hist6ria de vida. F6nix: Revista de Hist6ria e Estudos Culturais. Universidade Federal de Uberl6ndia. Funda76o Casa de Rui Barbosa, vol. 6, Ano 6, n63. 2009.

